

Malan descarta novo pacote fiscal

Ministro afirma que economia está segura e que País não sofrerá impacto

Para ele, o Brasil não é "a bola da vez. Nem é Rússia ou Tailândia"

Porto Alegre - O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem, em Porto Alegre, que o Brasil não corre risco de sofrer impactos por conta dos problemas da economia russa. Segundo ele, o sistema financeiro do País está bastante sólido e o Governo não vai editar novo pacote fiscal como fez no passado.

Ele explicou que não estava informado do pedido de moratória feito pela Rússia, mas não acredita que a suspensão do pagamento da dívida daquele país traga grandes consequências para a economia brasileira. Malan, que fica no Rio Grande do Sul até quarta-feira, participou da abertura da Assembléia dos Organismos Supervisores Bancários da América Latina e Caribe e almoçou na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs).

Em entrevista coletiva, Malan reafirmou que o Brasil não é a "bola da vez". "O Brasil não é Tailândia, não é a Rússia. Quem acha que a crise da Rússia vai se repetir aqui torce contra o Brasil, visando benefícios político-eleitorais", afirmou o ministro.

Durante a entrevista, Malan defendeu também um grau maior de cooperação entre orga-



Zero Hora

PEDRO Malan: sistema financeiro brasileiro está sólido

nismos internacionais como o FMI, o Banco Mundial e o BIS. O objetivo, segundo Malan, seria enfrentar os desafios impostos por um mundo muito mais interdependente do que no passado. "Estamos aquém das necessidades impostas pelas transformações que estamos passando", disse.

"Este governo não acredita em pacotes e sim na persistência", disse. Malan ressaltou que o pacote baixado em novembro de

97 foi necessário exclusivamente para complementar as medidas adotadas pelo Banco Central no sentido de combater os efeitos da crise asiática sobre o Brasil. Neste ponto, ele fez questão de ressaltar os benefícios causados pela intervenção do governo no auge da crise asiática no final do ano passado. "O custo da inação e da paralisia, naquele momento, seria muito maior do que este custo transitório que estamos passando", afirmou o ministro.